

Práticas Comunicacionais: cartazes de protesto de 2013¹

Tatiani Daiana de NOVAES²
Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba, PR
Instituto Federal do Paraná (IFPR), Curitiba, PR

Resumo

Este artigo tem como foco compreender os cartazes de protesto como práticas comunicacionais importantes socialmente e historicamente e analisá-los a partir da concepção sociointeracionista discursiva da linguagem. Para isso, foram apresentados alguns aspectos a respeito dos protestos de junho de 2013; fez-se uma discussão do cartaz enquanto processo de comunicação; a partir de Bakhtin, pensou-se o cartaz enquanto gênero discursivo, para depois, analisar um cartaz propriamente dito.

Palavras-chave: Práticas Comunicacionais; Gêneros discursivos; Cartazes de protesto.

1. Protestos de junho de 2013

Os protestos de junho 2013, que aconteceram fortemente nas grandes capitais do país e que se espalharam por várias cidades, têm sua história iniciada em junho de 2005, durante a constituição do Movimento pelo Passe Livre (MPL), na capital do Rio de Grande do Sul, no Fórum Social Mundial. O objetivo do movimento é lutar pelo passe livre de estudantes de todo o Brasil. Os integrantes organizados e integrados influenciaram a capital catarinense, onde já havia uma organização desde 2000 (RICCI, 2014).

Espelhados na Revolta do Buzu (contra o aumento do transporte público) que aconteceu em Salvador em agosto de 2003, em 2004, Florianópolis sediou o movimento intitulado “Revolta da Catraca”. Em 2005 as manifestações aconteceram em Vitória, Espírito Santo, mesmo ano em que ocorreu o II Encontro Nacional do Movimento Passe Livre em Campinas, estado de São Paulo.

Segundo Rudá Ricci (2014), é possível perceber as aproximações entre as manifestações de junho de 2013 e os princípios discutidos no II Encontro Nacional, tais

¹ Trabalho apresentado no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora de Língua Portuguesa do ensino médio técnico, técnico subsequente e graduação, email: tatiani.novaes@ifpr.edu.br. Doutoranda do curso de Comunicação e Linguagens UTP, é membro do grupo de pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM) na UTP.

como: independência, autonomia, horizontalidade, rejeição ao controle e a pauta “tarifa zero”.

Entre janeiro e início de junho de 2013 várias pequenas manifestações contra o aumento da tarifa de transporte público ocorreram em cidades brasileiras como: Porto Alegre, São Paulo, Pirituba. Algumas ruas foram bloqueadas, houve batuques de fanfarras e, em Pirituba, os estudantes chegaram a queimar uma catraca. No dia dois de junho houve aumento de 20 centavos na passagem de ônibus e metrô em São Paulo e Rio de Janeiro. No dia 3 houve um grande movimento na periferia de São Paulo liderado pelo MPL, no dia 6 de junho, no centro de São Paulo houve um protesto do Anonymous, depois disso, o Movimento Passe Livre conseguiu juntar duas mil pessoas na Avenida 23 de maio no centro de São Paulo. Assim, as manifestações foram repetidas em várias outras capitais brasileiras.

Um outro ato do Movimento Passe Livre é organizado para o dia 13 de junho, no centro de São Paulo, reuniram-se vinte mil pessoas. Em 16 de junho as manifestações estavam espalhadas em todo o país. A pauta central nesse momento passou a ser os gastos com a Copa das Confederações (inclusive na abertura a presidenta Dilma Rousseff foi vaiada) e a Copa do Mundo de 2014. Porém, a partir do dia 17, as pautas ficam mais difusas, a narrativa menos racional e mais intuitiva e os movimentos caracterizam-se em forma de *bricolage*.

As redes sociais tiveram um importante papel nas manifestações de junho, uma vez que convocaram os militantes, mobilizaram os participantes e auxiliaram na organização dos protestos. Para Rudá Ricci (2014), a convocação não se deu por meio de lideranças e/ou organizações centrais, mas de forma horizontalizada, pela confiança que se tinha por aquele que convidava, ou seja, se deu a partir de relações individuais, grupais, íntimas. Outro aspecto que prova a falta de liderança das manifestações é o caráter plural das pautas (depois do dia 17) que estavam estampadas em cartazes dos manifestantes, tais como: corrupção; má qualidade de serviços públicos; propostas de emendas constitucionais; “cura gay”; estatuto do nascituro; gastos com mega eventos esportivos; democratização das mídias; reforma política; entre outros.

Chico Whitaker, em uma fala durante a mesa redonda “Debate teórico: o fenômeno das redes”, em 13 de setembro, na sede do Fiocruz em Brasília, afirma que as manifestações de junho são um trabalho em rede, mas não se constituiu em uma rede social, pois não teve uma articulação duradoura.

Além da importância das redes sociais, percebe-se outra marca das manifestações de junho de 2013, a “a utopia no presente”. Segundo Ricci (2014, p. 22), trata-se de “uma utopia provisória, de demonstração de força imediata, niilista porque negava toda a forma de organização e estrutura de poder, principalmente aquelas que marcaram o século XX”.

Essa utopia provisória é paradoxal, uma vez que, para Marilena Chauí (2013), os manifestantes apresentam pautas/problemas, mas não refletem sobre as causas de tais problemas, trazem como causa apenas o autoritarismo do sistema partidário nacional. A exemplo disso, ela relaciona jovens manifestantes de São Paulo que questionam a mobilidade urbana, mas aceitam ganhar um carro quando completam 18 anos. Ou seja, lutam contra aquilo que é resultado da sua própria ação. Com isso, Chauí alerta pelo perigo da falta de reflexão e do reflexo de uma posição que é típica da classe média: aspirar por governos sem mediações institucionais e que, portanto, são ditatoriais.

Outro aspecto relevante a ser discutido sobre as manifestações de junho é se elas tiveram ou não caráter partidário. Para Marilena Chauí (2013, p.01), em entrevista a Revista Cult, havia a presença de partidos políticos de esquerda como PSOL e PSTU nas manifestações, mas uma presença imatura politicamente e nada significativa:

O que vejo neste momento é que, como o PSOL e o PSTU não têm representatividade social, pois são minúsculos, o crescimento da manifestação de rua fez com que eles julgassem que poderiam se apropriar dela. Não houve liderança da esquerda, mas uma tentativa, desses partidos, de se apropriar de um movimento de massa que seriam incapazes de realizar. A mesma coisa ocorre com a direita, que não tem força de mobilização, operando sempre por lobby e por meio da repressão (...). As mobilizações, por enquanto, estão sem rumo; têm palavras de ordem as mais variadas, mas não um rumo, o que as torna frágeis e apropriáveis pela mídia e pela direita.

Rudá Ricci (2014, p.30) vai além de Chauí quando afirma que “o risco à democracia não estaria posta pela crítica ao sistema partidário que os manifestantes explicitaram, mas à ausência de alternativa a ele”, tornando a questão ainda mais complexa.

As manifestações foram marcadas pela difusão, pela emoção, pelas pautas cambiantes, pela ausência de um projeto futuro e pelo caráter provisório e efêmero, mas os interlocutores sempre foram os mesmos: parlamentares, governos, sistemas partidários.

Um importante processo comunicacional se deu por meio dos cartazes de protesto. Conforme Ricci (2014, p. 22):

Daí que os cartazes que foram se revelando a cada manifestação indicavam que cada um ou pequeno grupo constituía uma manifestação em si. Gays e ecologistas, defensores da demarcação das terras indígenas e da causa Guarani Kaiowá, pela tarifa zero, pelo padrão FIFA de saúde pública, contra o mau uso do dinheiro público, contra os governantes de todas as cores e agremiações, tudo cabia, tudo tinha cabimento. Na própria manifestação, alguns se achavam e escreviam seus cartazes de momento, sua demanda recém-descoberta. A rua se configurou na escola política em movimento, dinâmica, sem dono.

Percebe-se a importância deles, uma vez que eles deram o “tom” das reivindicações, esclareceram as pautas, foram um elemento de identificação entre os manifestantes e serviram para extravasar uma comunicação, uma revolta, uma pauta algumas vezes recém descoberta.

2. Cartaz enquanto processo comunicacional

Para a Linguística Contemporânea, mais especificamente na perspectiva sociointeracionista discursiva, a comunicação vai além da relação entre os elementos tradicionais da teoria da comunicação: emissor, receptor, código e mensagem. A comunicação é língua, é interação, é efeito de sentidos, é uma prática social. A comunicação e a língua nascem da necessidade de interação social, política, ideológica e econômica.

Então, com base no círculo de Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1997, p.123).

Na perspectiva bakhtiniana, os sujeitos “todos”, inclusive os que interessam nesse artigo – os manifestantes- não recebem uma língua, a comunicação pronta. É preciso construí-la, é preciso “penetrar na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 1999, p. 108). Assim, os cartazes de protesto não são simples cartazes, mas

carregam em si aspectos sociais, históricos e ideológicos dos sujeitos que os produzem e seus efeitos de sentido também.

Por isso, afirma-se que os sujeitos, suas comunicações e suas palavras são cheias de ideologias, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1999, p. 41).

Diretamente ao encontro de Bakhtin, afirma Brandão:

O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. Às vezes, esses sentidos são produzidos de forma explícita, mas na maioria das vezes não [...] Fica por conta do interlocutor o trabalho de construir, buscar os sentidos implícitos, subentendidos (2005, p. 123).

Comunicar é ideologizar, é construir sentidos e isso está diretamente relacionado às situações de uso da linguagem, cognição, cultura, processos de interação, compreensão e ordenação do mundo. A comunicação não se constitui como um sistema autônomo, mas é construída e reelaborada no ato de comunicação/interação entre os sujeitos.

É importante enfatizar aqui que os cartazes de protesto, assim como todos os enunciados não são objetos fixos e acabados, eles sempre estabelecerão relações dialógicas. É próprio da linguagem o diálogo intertextual, ou seja, a comunicação é sempre uma resposta a outros textos. Sendo assim, Bakhtin (1992, p. 354), “mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano de sentido, revelarão relações dialógicas”. O sentido da palavra “diálogo” neste trabalho é ampliado, vai além da fala/diálogo entre duas pessoas, trata-se de toda a comunicação e de qualquer tipo.

Entende-se por enunciado, uma unidade concreta da comunicação, o discurso só existe em forma de enunciados concretos e singulares de sujeitos de uma ou outra esfera da comunicação.

Assim, leva-se em consideração nesse trabalho o cartaz de protesto enquanto processo comunicacional, ou seja, ele é discurso, é efeito de sentido entre interlocutores.

3. Gênero textual comunicacional: cartaz

É sabido que nem todos os pesquisadores diferenciam as expressões “gênero textual” e “gênero discursivo”. Para Roxo (2005), os que utilizam “gêneros do discurso” são os que se concentram na questão ideológica, social e histórica e nos elementos da situação de produção dos enunciados. Por isso, fez a opção de usar “gênero do discurso ou discursivo” neste trabalho.

Os gêneros discursivos são as situações “reais de uso da língua”, é a forma natural pelo a qual usamos a língua para nos comunicarmos, seja por meio de uma comunicação oral ou escrita, seja uma comunicação formal ou informal. Então, “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Sendo os cartazes de protesto uma experiência comunicacional física, social dos sujeitos participantes das manifestações de junho de 2013, eles se tornam um elemento fundamental para o estudo comunicacional.

Bakhtin, para fins de organização, dividiu os gêneros discursivos em primários e secundários. Estes se referem a textos produzidos em situações comunicacionais mais complexas como textos da esfera jurídica, jornalística, literária. Aqueles se referem à comunicações mais cotidianas como bilhete e lista de supermercado.

Os gêneros discursivos, sendo acontecimentos sociais, estão intimamente ligados às suas condições de produção, de circulação e de recepção. Cada esfera de comunicação produz seus gêneros segundo suas necessidades. Como por exemplo, os gêneros pertencentes à esfera social de circulação jurídica são: petição, lei, boletim de ocorrência, já na esfera literária seriam: poemas, lendas, romances, etc. O termo “esfera social” é o que foi chamado de domínio discursivo por Marcuschi (2008). Seguem demais exemplos:

Quadro 1- Exemplos de esferas da comunicação e seus respectivos gêneros

Esfera social de circulação ou domínio discursivo	Gêneros discursivos correspondentes
Esfera escolar	Mapa, texto dissertativo, palestra, pesquisa, etc.

Esfera midiática	Chat, torpedo, blog, etc.
Esfera publicitária	Anúncio, comercial, folder, etc.
Esfera jornalística	Reportagem, notícia, classificados, etc.

A partir dessa concepção teórica, o gênero discursivo parte de três dimensões:

1) conteúdo temático; 2) estilo verbal; 3) construção composicional.

O conteúdo temático está relacionado ao assunto de determinada esfera discursiva, que por sua vez está relacionado às questões sociais, culturais e ideológicas. Já o estilo verbal é modo de expressão, seleção de recursos linguísticos, ou seja, lexicais e gramaticais. A construção composicional está relacionada à forma, as marcas/características que permitem que os sujeitos reconheçam o gênero.

A estrutura composicional não é regra fixa, imposta, os gêneros são “relativamente” estáveis. Sendo assim:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN 1992, p. 279).

Como os três elementos –conteúdo temático, estilo e construção composicional– fundem-se, é possível afirmar que eles são indissociáveis, sendo que um elemento não é mais importante que o outro.

Diante disso, percebe-se a importância dos gêneros textuais na sociedade. São eles que organizam os discursos e contribuem para a interação entre os sujeitos e para a compreensão das relações sociais.

O gênero discursivo cartaz normalmente é associado à esfera publicitária uma vez que permeiam tal universo. Porém, há vários pontos de interseção entre os domínios discursivos, dando a ideia de continuum e não de domínios estanques. No caso dos cartazes de protesto os interlocutores são completamente diferentes, pois na esfera publicitária são publicitários e consumidores e no campo político, como é o caso dos cartazes em questão, são manifestantes e representantes do governo. Assim, é possível considerá-lo como pertencente à esfera cidadã.

Quem escreve, o faz com algum objetivo comunicativo, de uma maneira geral, os cartazes objetivam instruir, informar e, em alguns casos, persuadir. Uma característica que faz parte da estrutura composicional do cartaz é o uso da linguagem verbal e não verbal, porém não necessariamente, podendo haver predomínio de uma delas.

Diferentemente dos cartazes publicitários, os da esfera cidadã normalmente não tem título nem o logotipo do órgão responsável, porém em ambos os casos a leitura é rápida, o texto é curto, conciso.

Os cartazes publicitários são escrito na língua padrão e são mais marcados pela objetividade que os de protesto, que muitas vezes usa a língua coloquial e até fora da norma padrão com um objetivo específico, como criticar a educação no país, por exemplo.

3. Análise de cartaz de protesto

Existem algumas concepções de leitura a serem esclarecidas. A leitura com foco no autor, por exemplo, é quando ele é visto como o “ego”, como se a interpretação desejasse ser captada pelo leitor, sem alterações. Já em uma leitura volta para o texto, a função do leitor é simplesmente codificar a mensagem dada pelo emissor. Assim, a preocupação e as explicações partem do sistema linguístico apenas. Quando a concepção de leitura tem foco no leitor, os sentidos estão fortemente embasados nos seus conhecimentos prévios, sua experiência leitora, levando em consideração inclusive as “adivinhações” de quem lê (MENEGASSI, 2009).

A concepção de leitura levada em consideração na análise desse trabalho é a que tem foco na relação “autor, texto e leitor”, ou seja, a base é a interação/comunicação entre o leitor e o autor que se encontram texto (MENEGASSI, 2009). Assim, há no texto lugar para implícitos desde que detectáveis pelo contexto social e cognitivo dos sujeitos que interagem: leitor e autor. Devido ao curto espaço, será feita a análise de apenas um cartaz de protesto.



Imagem1: Cartaz recalque. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/Ricardo-setti/files/2013/06/PROTESTO-CARTAZES-SEG-17-SP9018.jpg>>

O cartaz apresentado foi encontrado no blog vinculado à “Veja.com” do Ricardo Setti, jornalista e atualmente blogueiro da Veja. Como já foi citada anteriormente, a esfera de circulação do cartaz de protesto é a cidadã, justamente por estar relacionada ao exercício de direitos políticos e sociais, sendo protestar um deles.

O provável autor deste cartaz é o jovem brasileiro que o segura. Segundo dados da Pesquisa Ibope Nacional realizada em 20 de junho de 2013 e publicada na obra “Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013”, de Rudá Ricci, quase a metade dos manifestantes, 43% mais especificamente, são jovens entre 14 e 24 anos e 20% tem entre 25 e 29 anos, pelo rosto do jovem na imagem, provavelmente ele entra nesse segundo caso, tem entre 24 e 29 anos. Assim, seu lugar social é de protestante, de brasileiro, de cidadão insatisfeito, apesar do sorriso no rosto. O sorriso está mais relacionado ao fato de estar sendo fotografado, de ter sido escolhido em meio a outros manifestantes. Esses outros sujeitos manifestantes podem ser vistos de maneira desfocada na imagem.

É nítida uma relação intertextual com uma música “Beijinho no ombro”, que fez em 2013 e ainda faz sucesso nos dias atuais. A música, de Valesca Popozuda, é uma espécie de ameaça às inimigas, que na letra da música são colocadas como “recalcadas”. Segundo o

dicionário Houaiss (2001), recalcado é o adjetivo dado às pessoas invejosas, reprimidas, que falam mal dos outros e têm a ilusão de ser alguém que não são. Isso marca o caráter efêmero desse discurso, uma vez que ele terá pouco a dizer quando o *hit* for esquecido pelo grande público.

O recado “Recalque de ditadura bate na minha geração e volta” não é neutro, ele tem uma finalidade ideológico-discursiva que é fazer crítica ao autoritarismo e à falta de democracia e de participação popular no governo da Dilma. Percebe-se assim, a ideologia, a posição do sujeito que escreve o cartaz, sua insatisfação política, típica do movimento de junho de 2013. Segundo Rudá Ricci (2014), a expressão “falta de autonomia” foi dita inúmeras vezes pelos manifestantes nas entrevistas feitas.

No final do cartaz, depois da mensagem principal, tem uma saudação final “bjs”, outra referência a mesma música de Valesca Popozuda, em que é repetida a expressão “Beijinho no ombro pro recalque passar longe, Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão; Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde; Beijinho no ombro só quem tem disposição”, letra da música disponível em <http://musica.com.br/artistas/valesca-popozuda/m/beijinho-no-ombro/letra.html>. Percebe-se assim, certo deboche, um tom de brincadeira e graça na expressão “bjs” do cartaz.

Quanto à estrutura composicional, há certa regularidade no gênero discursivo, o texto é um típico cartaz de protesto, mensagem curta, objetiva, provocativa, debochada e, neste caso, escrita na norma padrão da Língua Portuguesa. O suporte do texto, ou seja, o local onde é feito o registro é a cartolina, conhecida também como papel cartaz. A situação comunicativa é de manifestação popular e os interlocutores previstos são parlamentares, governos, sistemas partidários.

No que se refere a circulação social desse texto, é possível afirmar que primeiramente ele circulou no protesto, ou seja, entre outros sujeitos manifestantes que também levavam sua pauta para as ruas. Já em um segundo momento, o cartaz teve sua circulação na internet, em um blog de um colunista, chegando ao alcance também de quem não participaram no movimento. É possível dizer que o texto chegou a um grande número de leitores.

As cores escolhidas também não são neutras: vermelho e preto. As palavras “bate” e “volta” foram escritas em vermelho, sendo realçadas em meio as outras escritas em preto. O ponto de exclamação depois de “volta” reforça essa intenção e dá ênfase para a palavra. O vermelho remete também a cor do Partido dos Trabalhadores, o qual a presidenta

Dilma Rousseff atua. Seria como dizer que o partido da presidenta e sua falta de democracia batem, ou seja, chegam até os jovens brasileiros e voltam para o governo. Mas voltam em forma de protesto, de insatisfação, voltam em forma de não aceitação, de recusa.

4 Considerações finais

Na perspectiva sociointeracionista discursiva, é possível analisar os cartazes dos protestos de junho de 2013 a partir das relações sociais, tal ação leva a uma análise dialética entre linguagem e ideologia em que se percebe como os sujeitos percebem o mundo.

Considerando alguns aspectos dos protestos de junho de 2013 e a concepção de discurso e de gênero discursivo a partir da teoria bakhtiniana foi possível recortar a analisar um cartaz especificamente, assim, percebeu-se a relação complexa entre a comunicação escrita e a interpretação.

Percebe-se a necessidade de um maior aprofundamento nas ações do governo da Dilma e suas relações com os protestos de 2013 e até um levantamento mais completo da história recente política no Brasil para uma mais completa análise das condições de produção dos cartazes de protesto.

É fundamental lembrar que o sentido nunca é fechado em si, há sempre outras leituras possíveis e novos gestos de leitura, mas, ainda sim é possível concluir que os cartazes de protestos de junho 2013 são processos comunicacionais que têm como objetivo comunicativo a denúncia e crítica-política-social, refletindo um importante momento histórico do nosso país.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, H. H. N. **Analisando o Discurso**. (USP). Disponível em: <www.estacaodaluz.org.br> 2005. Museu de Língua Portuguesa. Acesso em jun. 2014.

CHAUÍ, M. **Entrevista à Revista Cult**. Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br/home>>

/2010/03/entrevista-marilena-chau/ > Acesso em jun.2014.

_____. **As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo**. Disponível em <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>> Acesso em jun.2014.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGASSI, R. J. **Aspectos da responsividade na interação verbal**. Revista Línguas e Letras. Vol. 10, nº 18, 1º Sem. 2009.

RICCI, R; ARLEY, P. **Nas ruas: A outra política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

ROJO, R. H. R.. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.